

"Para bancos, a fórmula brasileira é a melhor"

por William Salasar
de São Paulo

A renegociação das dívidas externas do Brasil, Argentina e Chile assemelha-se em termos de prazos, custos e no modo como esses países abordaram os bancos internacionais credores. Entretanto, ponderando-se as características das dívidas de cada um desses países, "o Brasil tem a vantagem de sua dívida apresentar uma estrutura, um escalonamento muito bem definido", diz Carrol Rickards, "vice-president" encarregado do Cone Sul da América Latina do Continental Illinois National Bank.

No caso da Argentina, lembra Rickards, o montante da dívida externa não foi revelado de uma só vez, como aconteceu com o Brasil. "Foi tudo feito pouco a pouco." Além disso, a maior parte da dívida argentina tem prazo médio de vencimento de um ano a um ano e meio, e faz 15 anos que a Argentina praticamente emite dólares, através de seus "bônus externos", os "bonex", que são negociados dentro e fora do país. Os "bonex" servem tanto como um título de poupança interna quanto para cobrir remessas ao exterior e pagar dívidas com os bancos. Além disso, companhias privadas ar-

gentinas fizeram "swaps" de divisas com o exterior, que deveriam vencer entre novembro de 82 e fevereiro de 83. Em fevereiro, esses "swaps" foram prorrogados para abril. Chegou abril, e foram adiados por mais 60 dias. "Agora o BC argentino decretou que os débitos financeiros serão reescalados por três anos e os comerciais por um ano e meio", diz Rickards.

OS LIMITES DO CHILE

O Chile, por sua vez, já tratou de reescalonar por oito anos as amortizações a vencer em 83 e 84 (o Brasil só reescalonou o dinheiro de 83, por enquanto). Além disso, os bancos, ao contrário do que acontece no caso do Brasil, não podem dispor livremente desse dinheiro. Se aqui podem reemprestá-lo a qualquer tomador de sua escolha ou deixá-lo depositado no BC, no Chile têm de reescalonar o débito para o tomador original. "Se, por exemplo, eu tenho um vencimento de US\$ 50 mil de uma firma chilena, tenho de fazer um novo contrato, reemprestando os mesmos US\$ 50 mil à mesma firma, por oito anos", ilustra Rickards, acrescentando: "Do ponto de vista do banqueiro, a fórmula brasileira é melhor".